

1 Introdução

A presente dissertação tem como objetivo principal o estudo do tema da perversão no campo da psicanálise, visto que, em primeiro lugar, a construção teórica a esse respeito, realizada por Freud, é impregnada por influências da literatura psiquiátrica; e, em segundo lugar, porque seu pensamento sofreu transformações ao longo de sua obra. Ou seja, dependendo do artigo a que se faça referência na metapsicologia freudiana, se tem uma concepção particular do que representa a perversão.

Ora, quanto à primeira razão que motiva a escrita deste trabalho, sabe-se que Freud inventou uma nova ciência e, para construí-la, precisou buscar fundamentos teóricos e referências clínicas na medicina. Esta foi a forma com que se inaugurou o conhecimento produzido na psicanálise sobre a perversão. Partiu-se das aberrações sexuais que haviam sido descritas e catalogadas minuciosamente pelos estudos médicos. Assim, Freud tomou emprestada a nosografia psiquiátrica, ao mesmo tempo em que dela procurou se distanciar.

Quanto à segunda razão, cabe esclarecer previamente, ainda que eu vá explicá-la com mais detalhes no primeiro capítulo, que existem dois campos em que o termo perversão é utilizado, radicalmente diversos. No início dos trabalhos de Freud, o termo veio a caracterizar a sexualidade infantil de forma universal. Já, num segundo momento, a perversão passou a representar também uma constituição subjetiva peculiar, cujo modelo teórico é representado pelo fetichismo.

Uma das referências bibliográficas centrais deste estudo é a metapsicologia freudiana, acrescida da produção de outros importantes pesquisadores da teoria psicanalítica como Assoun, Garcia-Roza e Valas. Assim, apresento um exame das proposições freudianas acerca da perversão, assim como sobre outras questões afins, como o complexo de castração e o complexo de Édipo.

A segunda referência bibliográfica que constitui o eixo central desta pesquisa, é a obra de Lacan. Selecionei alguns de seus seminários, a citar o IV, V, VII, X e XI, e os *Escritos*, dos quais destaco e comento algumas passagens, nas

quais o autor faz referência ao tema. Para me auxiliar neste trabalho, recorri à literatura de comentadores de sua obra, como Dor e Zalcberg.

Enfim, após apresentar, no primeiro e segundo capítulos, respectivamente, as teorias de Freud e de Lacan a respeito da perversão, dedico-me no terceiro capítulo a estudá-la clinicamente, trazendo um pouco da minha experiência e a de outros psicanalistas como Clavreul, Helsinger e Rudge.

Início a dissertação por um exame histórico do conceito de perversão, tema da primeira seção do segundo capítulo (2.1), imbuída da proposta de contextualizar a produção teórica freudiana. Afinal, percebi que era preciso remontar às teorias sobre as perversões sexuais vigentes na época em que Freud desenvolvera sua tese, já que em seu trabalho identifica-se a influência de algumas delas, explicitada nas muitas referências que fez, nos primeiros trabalhos, à literatura psiquiátrica.

Com o propósito de compreender as reflexões freudianas sobre os conceitos médicos das aberrações sexuais, empreendo uma pesquisa detalhada sobre o surgimento da concepção de perversão, tendo como referência bibliográfica o livro de Lanteri-Laura, *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica* (1979). A escolha foi feita em função de ter nele encontrado uma vasta e minuciosa investigação sobre a história de como a ciência se tornou a grande interessada pelas perversões sexuais. Com ele, aprendi que a medicina moderna foi a maior estudiosa do tema, impulsionada por exigências legais. A partir de uma demanda do Direito, os psiquiatras se viram desafiados a descobrir sobre o mal do qual sofriam os criminosos sexuais.

Através de inúmeras e isoladas pesquisas sobre os tipos de desvios, foi compilada uma série de comportamentos perversos, constituindo-se assim uma classificação médica com fins de diagnóstico. Ao mesmo tempo, produziu-se um novo campo de conhecimento sobre a própria sexualidade. Dessa forma, a medicina inaugurou um discurso inédito a este respeito, no qual era incluída a ordem privada pela primeira vez na história do pensamento científico.

Atendendo a uma demanda da nova classe social, a burguesia europeia, a medicina ofereceu seu conhecimento em prol de uma maior liberdade sexual. A noção de normalidade no tocante à vida sexual foi revista, e dessa maneira uma vivência sexual prazerosa sem fins reprodutivos passou a ser aceita.

Contudo, apesar das grandes mudanças engendradas pela ciência médica, ainda se admitia a existência de um padrão referencial regulador da atividade sexual, determinado por regras fisiológicas. Em tese, esperava-se do homem o mesmo comportamento dos animais de sua espécie, pois a sexualidade era vista sob um viés biológico.

Nesse contexto, portanto, Freud foi o grande revolucionário, por ter subvertido a noção de normalidade, pervertendo-a. Desse modo, é verdadeiro afirmar que Freud subjetivou as perversões, tema que será tratado na segunda seção do segundo capítulo (2.2). Na primeira seção, busco retroceder ao momento do nascimento da psicanálise, inaugurado pelo trabalho clínico com as histéricas. Elas ensinaram a Freud que seus sintomas “falavam”, portanto eram plenos de significação. Na realidade, eles representavam a própria atividade sexual neurótica, eram “satisfações substitutivas da sexualidade reprimida [leia-se recalcada]” (Freud, 1996[1926(1925)], p.257). Na histeria, todo o afeto recalcado era convertido em um só órgão, que se encontrava, a partir de então, revestido libidinalmente.

Freud, dessa forma, ampliou a noção de sexualidade¹ e excluiu a de instinto. No seu lugar, privilegiou o conceito de pulsão, definido como uma constante pressão advinda do corpo, que exige trabalho à vida anímica.

Entretanto, ao contrário do instinto, que circunscreve um objeto natural, a pulsão não tem um objeto próprio. Observando as crianças, Freud concluiu que a sexualidade infantil é perversa polimorfa; aliás a própria sexualidade dos adultos tem essa mesma característica, já que eles conservam uma multiplicidade de formas de satisfação sexual. Essa constatação levou à formulação da grande visada da teoria psicanalítica freudiana, que concebeu a perversão sexual como normal. Dessa forma, o que antes era visto como desvio passou a ser considerado regra da sexualidade humana.

Sendo assim, chegou-se ao entendimento que a perversão sexual tem sua origem na infância e deriva da fixação de uma pulsão pré-genital que escapou do recalque. Portanto, a partir dessa afirmação é possível compreender o célebre

¹ Freud afirmou não ser tarefa fácil determinar o significado da expressão *sexual*. Dizia ele, “talvez a única definição acertada fosse ‘tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos’” (Freud, 1996[1917(1916)], p.309).

aforismo: “a perversão é o negativo da neurose” (Freud, 1996[1905], p.157). Ou seja, o que é recalçado na última, é vivido sem culpa na primeira.

A concepção de que a fantasia perversa é atuada na perversão e recalçada na neurose é o tema da seção 2.2.2. Nela, proponho distinguir a perversão de um traço perverso, que é encontrado na neurose e expresso na construção de uma fantasia masoquista. Esta fantasia é um resquício do complexo de Édipo e tem sua origem na ambivalência afetiva em relação ao pai, assim como na culpa derivada de desejos incestuosos. Além disso, nesta mesma seção, retomo a conceitualização freudiana de masoquismo e seus três tipos: erógeno, moral e feminino.

Certamente, uma grande virada na teoria psicanalítica ocorreu em 1927, com a formulação de uma dinâmica psíquica perversa presente no fetichismo, que se tornou o paradigma da perversão, tratada na seção 2.2.3. Neste tópico, abordo a constituição psíquica perversa operada nos meninos pela recusa da castração, seguida da invenção do fetiche – símbolo do pênis da mãe e representante do triunfo sobre a ameaça de castração.

Logo, no que se refere ao estudo da perversão, pode-se identificar a existência de dois tempos² no pensamento freudiano. No primeiro, a perversão é efeito da falta de organização da sexualidade em torno do genital; e no segundo, é consequência da posição do sujeito que recusa a diferença sexual e, dessa forma, a castração.

Em todos os momentos em que Freud fez referência à perversão, tomada no segundo tempo, ou seja, como uma dinâmica psíquica particular e distinta da neurose e psicose, apenas aludiu aos homens, nunca às mulheres. Por isso então, surge a seguinte dúvida: é possível encontrar perversão em mulheres? Dedico-me a essa questão na seção 2.3, na qual as referências bibliográficas são de Valas, André e Zalcberg.

No terceiro capítulo, apresento um novo paradigma da perversão construído por Lacan a partir da retomada de alguns pontos da teoria freudiana, como o fetichismo, a identificação do perverso com a mãe e com o fetiche, e até o caso Hans.

Com a criação de novos conceitos como grande Outro, pai simbólico, falo e gozo, para citar os mais importantes no tocante à perversão, e de novas

² Deve-se ressaltar que essa divisão tem finalidade didática e dessa maneira, não pretende esgotar as mudanças e avanços teóricos ocorridos na metapsicologia freudiana ao longo deste período.

dialéticas como a lógica fálica e entrada do pai como agente da castração, entre outras, Lacan avançou inegavelmente em questões relativas à perversão.

Em primeiro lugar, as perversões foram por ele localizadas no período em que a mãe é o único objeto de amor tanto da menina como do menino, e no qual, o falo é o significante fundamental, conforme mostro na 1ª. seção do 3º. capítulo (3.1). Nesta fase, mãe e filho estabelecem uma relação de completude imaginária, que é suplantada na neurose com a entrada do pai simbólico, figura que interdita a mãe como objeto do desejo incestuoso infantil. O pai simbólico é somente representável através de uma construção mítica, como aquela que Freud apresentou no texto *Totem e Tabu* (1913), reproduzida nesta mesma seção.

Na perversão, o destino do complexo de Édipo é outro, e não aquele sobre o qual conhecemos nos textos de Freud de 1923, 24 e 25, que é próprio ao neurótico. A função paterna falha e desse modo, a relação imaginária entre criança e mãe se fixa. Desta maneira, o pai não é capaz de transmitir a verdade da Lei, que é a castração. Por essa razão, a relação que o perverso estabelece com as leis é de ultraje, transgressão e desafio.

Na segunda seção do terceiro capítulo (3.2), abordo a posição do sujeito em relação ao desejo e ao gozo na perversão, cujo objetivo primeiro é recusar a angústia de castração, transferindo-a ao outro, que tem sua divisão subjetiva acentuada.

Em primeiro lugar, na seção 3.2.2, retomo o principal artigo de Lacan sobre a perversão, *Kant com Sade* (1963), no qual é apresentada a relação do perverso com a Lei do gozo.

Em suma, Lacan (1998[1962-63]) revolucionou os estudos sobre a perversão ao introduzir a teoria de que o perverso se transmuda em objeto a e assim se cristaliza em um objeto eterno, oferecendo-se como instrumento de gozo do Outro. Portanto, o perverso se faz objeto, escravo dos ditames de um Deus instaurado no malefício.

Trabalha intensamente para se livrar da angústia de castração, e dessa forma, busca aniquilar o desejo, já que este pressupõe uma tolerância à falta e remete à castração. O desejo então é escamoteado, encoberto pelo gozo, que se torna consistente, e em alguns momentos, até petrificado. Há uma consistência de gozo garantida pelo fato do fetiche estar à mão, o que impede qualquer interrogação sobre o desejo. Por isso, Lacan fez referência a um mais gozar perverso.

No quarto capítulo, discuto os aspectos clínicos da perversão. E, dentro do contexto transferencial, próprio à análise, ela deve ser apreendida sob sua forma manifesta, isto é, como um discurso, que é performativo por excelência. Este termo – performativo – foi definido por Austin (2000) como um ato que se constitui na fala. Desse modo, trata-se de uma linguagem que faz coisas, isto é, produz efeitos, por isso mesmo, é própria à sedução e outras formas de dominação do outro.

Para exemplificar esse tipo de discurso, recorri ao trabalho de Felman (1980) sobre o personagem da literatura, Don Juan. Ele seduz a todos, homens e mulheres, oferecendo a cada um seu ideal narcísico. Brinca com a performatividade da fala e com sua propriedade auto-referente, e dessa maneira se defende do desejo e do encontro com a castração.

Apesar de utilizar o conceito de ato-sintoma (McDougall, 1980), de uma autora da escola inglesa, para indicar a forma do sintoma na perversão, discordo da aproximação feita por esta corrente entre perversão e psicose. Acredito ser mais coerente aproximar da primeira a neurose, por diversos fatores, os quais comentarei brevemente. O primeiro deles soa óbvio, pois na perversão há um recalque que incide sobre a recusa da castração; segundo fator, a mãe continua proibida na perversão, portanto o complexo de Édipo sofreu dissolução e sendo assim, não se pode afirmar taxativamente que não existe a Lei para o perverso; terceiro e último argumento, ele não procura um psicótico para angustiar e dividir, necessita de um neurótico, que se sabe castrado, culpado e colado a seu fantasma masoquista.

Com a finalidade de enriquecer o estudo teórico, trago neste mesmo capítulo uma vinheta de um caso atendido por mim, ilustrativo das características do enlace amoroso perverso e da reificação da perversão no discurso histérico. Acredito que a categoria *casal perverso*, proposta por Clavreul (1967), contribui para a abordagem de aspectos da perversão que se manifestam clinicamente, inclusive no que diz respeito à dinâmica que se estabelece entre analista e analisando na transferência.

Para finalizar, o debate que empreendo nesta dissertação visa desconstruir noções teóricas que afastam a perversão da psicanálise, alocando-a à margem. Muito já foi dito e construído sobre a neurose e a psicose, enquanto o campo da

perversão ainda é menos pesquisado. Geralmente se discute sobre os impasses da clínica da perversão, aqui porém, desejo discutir sobre suas vicissitudes.